



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

LITERATURA MARGINAL: DA PERIFERIA PARA SALA DE AULA

Fabiana Maria dos Santos Souza

Universidade Estadual da Paraíba
souza.fmsantos@hotmail.com

Jhonathan Antony de Sousa Santos Machado

Universidade Estadual da Paraíba
jhonathan_antony@hotmail.com

Monalisa Barboza Santos

Universidade Estadual da Paraíba
monalisa.barboza@gmail.com

Magliana Rodrigues da Silva

Universidade Estadual da Paraíba
maglianarodrigues@hotmail.com

O meio educacional vive um momento de revisão de suas práticas, antigos moldes são reciclados ou deixados para trás para atender às novas necessidades da clientela contemporânea. Assim, diante de uma sociedade tão diversa e dinâmica, a escola, que tem por papel principal formar cidadãos, não poderia manter-se alheia aos movimentos sociais. Com base nisso, o presente artigo irá discorrer acerca dos resultados obtidos através da aplicação de uma sequência didática intitulada “Literatura Marginal: a relação com o social e o negro”, que objetivou trazer à tona, através da utilização do Método Recepcional, uma realidade pouco discutida em sala de aula, a literatura não-canonizada e ainda advinda de um espaço social desprivilegiado, a periferia. Esta sequência foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Raul Córdula durante o semestre 2015.1 pelo Projeto Cultura, Literatura e Criatividade: Do erudito ao popular (CLIC), pertencente ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do Curso de Letras, habilitação em língua portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) que é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Ao fim dos trabalhos, por intermédio da fala de cada discente foi perceptível que houve um alargamento de sua visão de mundo e de sua consciência social, além de compreenderem a questão da marginalização de forma muito mais enfática por meio da obra “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus.

Palavras-chave: Sequência didática. Literatura Marginal. Método recepcional.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

Vivemos em um momento de reviravoltas no jeito de pensar o ensino, as velhas práticas estão sendo reinventadas. O mecanicismo está dando lugar a interação, a escola deixou de ser um lugar à parte, com um universo próprio, separada do contexto, para inserir-se de forma efetiva na comunidade que a abriga. Cada vez mais busca-se formar cidadãos, críticos, conscientes, agentes modificadores de sua própria realidade, afinal, a educação hoje, como diz Gadotti (1983, p. 160), está sendo repensada “a partir de outra concepção que os educadores estão tendo dela: longe de ser um lugar imutável, ela está sendo descoberta como um lugar provisório, inacabado, precário, prolongamento de uma sociedade”. Assim sendo, há de se inovar, não significando que tenhamos que abolir por completo as práticas do passado, mas sim adaptá-las a esse mundo movediço para que os educandos estejam preparados para essas inconstâncias.

E é com o intuito de rever as práticas de ensino/aprendizagem e formar profissionais docentes qualificados para lidar com essa realidade atual que a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), através de iniciativas como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), permite ao graduando, neste caso específico, do Curso de Letras, ter contato com a profissão que exercerá de modo inovador, com propostas de intervenção em sala de aula que fogem ao tradicionalismo em busca de uma dinâmica interativa, onde o aluno, como já defendia Paulo Freire não seja visto como um saco vazio a ser preenchido, mas como sujeito construtor de seus próprios conhecimentos, e o professor seja como uma ponte, um facilitador neste processo de autoafirmação intelectual do educando.

Tendo isto em mente, este artigo trará a análise de uma sequência didática eu trouxe como temática “Literatura Marginal: a relação com o social e o negro”, aplicada no primeiro semestre de 2015, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Raul Córdula pelos bolsistas PIBID do projeto *Cultura Literatura e Criatividade: do erudito ao popular* (CLIC) para um público misto, composto por



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

alunos do ensino médio, com faixa etária entre 14 e 18 anos, que participam de forma voluntária do projeto no contraturno de suas aulas regulares. Em um primeiro momento, será explicitada a metodologia de pesquisa e os procedimentos para a facção da sequência supracitada, em seguida, serão analisados os dados e os resultados alcançados através de uma discussão sobre a prática, por fim, as considerações finais que trarão um apanhado geral do que será desenvolvido neste artigo.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como pesquisa-ação, pois os pesquisadores também são os sujeitos pesquisados, como define Engel (2000)

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa participante engajada, em oposição à pesquisa tradicional, que é considerada como “independente”, “não-reativa” e “objetiva”. Como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta (ENGEL, 2000, p. 182).

Desse modo, a pesquisa é, ao mesmo tempo uma análise e uma reflexão, com vistas a propiciar uma visão panorâmica da teoria, aliada à prática. Antes de dar início às discussões relativas aos resultados obtidos com a aplicação da sequência didática, como ponto de partida para uma melhor compreensão, serão descritos a seguir as etapas que culminaram com a confecção do objeto de análise deste artigo. As etapas respeitam a seguinte ordem:

- I-Escolha na temática que será abordada na sequência;
- II-Escolha dos gêneros que serão utilizados nas aulas;
- III-Planejamento de cada encontro (confecção da sequência);
- IV-Aplicação da sequência.

A etapa I foi um momento de pesquisa e discussão em que cada um dos componentes do Projeto CLIC sugeriram temas que pudessem ser do interesse do aluno



e que, ao mesmo tempo, pudessem agregar novos conhecimentos a eles. Depois de muitas deliberações chegamos a questão do negro em nossa sociedade e o debate atual de como fazer valer a Lei 10369/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica. Essa escolha por partir de um determinado tema justifica-se através das palavras de Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2002, p. 189) quando afirmam que a abordagem temática é “uma perspectiva curricular cuja lógica de organização é estruturada com base em temas, com os quais são selecionados os conteúdos de ensino das disciplinas. Nessa abordagem, a conceituação científica da programação é subordinada ao tema”.

O tema seria, então, o eixo norteador, algo amplo do qual seriam retirados subtemas para se trabalhar em cada aula. Assim, já na etapa II, foi estabelecido, com base no tema central, subtemática que estabeleceram um delineado histórico, partindo da questão do preconceito, passando pela história e cultura afro até chegar à figura do negro na sociedade atual, para isso, foram escolhidos textos de gêneros diversos, crônicas, contos, charges, músicas, vídeos e a obra “Quarto de despejo”, Carolina Maria de Jesus, pois através desta gama de modalidades textuais, como atestam as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) é possível conhecer, usar e compreender “a multiplicidade de linguagens que ambientam as práticas de letramento multissemiótico em emergência em nossa sociedade, geradas nas (e pelas) diferentes esferas das atividades sociais (BRASIL, 2006, p. 32).

Na etapa III planejamos e organizamos cada encontro, de modo que obedecessem uma linearidade e permitissem idas e vindas no processo de aplicação da sequência didática, pois como enfatiza Fusari (2015):

A ausência de um processo de planejamento do ensino nas escolas, aliadas às demais dificuldades enfrentadas pelos docentes no exercício do seu trabalho, tem levado a uma contínua improvisação pedagógica nas aulas. Em outras palavras, aquilo que deveria ser uma prática eventual acaba sendo uma regra, prejudicando, assim, a aprendizagem dos alunos e o próprio trabalho escolar como um todo (FUSARI, 2015, p. 46).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Através das palavras do autor, vemos a importância que o planejamento tem para o trabalho docente, ele evita improvisações, deslizes e contribui para melhores resultados no processo de ensino/aprendizagem como poderemos ver na descrição e análise da etapa IV, a aplicação da sequência, que será detalhada no tópico seguinte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa sequência didática, adotamos como ponto de partida o método recepcional esclarecido por Bordini e Aguiar (1988). A partir disso, inicialmente, podemos destacar que o nosso objetivo foi, primeiramente, prever as estratégias que seriam tomadas e que poderiam ser rompidas, pois uma sequência aplicada logo no início do semestre traz uma incerteza, afinal, teremos novos alunos, ou seja, a turma desconhecida, portanto a *determinação do horizonte de expectativas* se constitui no levantamento de hipóteses sobre “os valores prezados pelos alunos, em termos de crenças, modismos, estilos de vida, preferências quanto ao trabalho e lazer, preconceitos de ordem moral ou social e interesses específicos na área de leitura” (BORDINI & AGUIAR, 1988, p.88). Por isso, essas questões determinaram as escolhas dos textos, das músicas, charges que poderiam chamar a atenção dos alunos e a partir do momento em que detectamos as aspirações destes, enfim, de gêneros que já fossem de conhecimento do aluno.

Em seguida, buscamos proporcionar a eles o *atendimento do horizonte de expectativas*, ou seja, o material utilizado será aquele que é esperado pelo aluno, que está próximo deles. O trabalho sendo feito de forma familiar através de atividades que levassem os alunos a debaterem sobre o tema do negro diante da sociedade, além das questões históricas apresentadas pelos professores, ou seja, informações novas que talvez os alunos não tivessem prestado atenção. Em seguida, buscamos *romper com o horizonte de expectativa* e, ao invés de trazermos uma obra canônica, dentro dos padrões da chamada “boa literatura”, trouxemos a obra “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus, que foi uma das percussoras do movimento da Literatura Marginal no Brasil, que só teve um maior espaço de divulgação e disseminação através



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de edições especiais da *Revista Caros Amigos*, sob a liderança de Férrez, que fez com que muitos escritores da periferia tivessem espaço para ampla divulgação de seu trabalho. Os escritores periféricos são muito valorizados, como ressalta Welle (2013). Lá são reconhecidos como expoentes de um novo jeito de pensar e fazer literatura, aqui como ainda há um grande apego a um conceito elitista da arte da palavra, ainda há resistência ao estudo de tal manifestação como literatura de fato. Todavia, se formos atentar para a questão do que é literatura? Veremos que esta tem um conceito indefinido, tanto que o reconhecido teórico literário Candido (1995) a define de maneira ampla como sendo “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações” (CANDIDO, 1995, p. 174). Esse conceito abarca, assim, a chamada Literatura Marginal.

Na facção da sequência, optamos por não trazer essas obras mais atuais exatamente para demonstrar que a arte e, especificamente, a literatura da periferia não surgiu somente nos anos 2000, e a obra da escritora Carolina Maria de Jesus, mulher, negra, semianalfabeta e residente de uma favela que encontrou na escrita um escape para fugir e/ou poetizar sua difícil realidade vem mostrar esse resgate de uma cultura agora já bem mais aceita. A obra de Jesus (1997) é um diário que traz relatos do dia a dia da protagonista/escritora residente na favela do Canindé, em São Paulo. São apresentados como algo trivial, temas como a fome, a prostituição, violência doméstica, o trabalho infantil, o pouco comprometimento dos órgãos públicos. Enfim, além de ser uma descrição dos fatos corriqueiros de seus dias e apesar de apresentar erros ortográficos no decorrer do texto, essa obra se destaca pelo teor crítico, por expor a alienação de uma população conformada com condições de vida miseráveis e que se contentavam com esmolas.

Como destaca Hollanda (2015) diante da conjuntura social atual, em função da globalização, faz-se necessário repensar a função social da literatura. Faz-se necessário que a escola acolha essas novas manifestações e quebre com as expectativas dos alunos,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

fazendo ampliar seus conhecimentos de mundo. Em virtude dessa obra oferecer um retrato, sem filtro, do cotidiano da periferia, de possuir em sua composição uma gama de discussões de extrema relevância social e, ainda, por ter sido a percussora do movimento depois intitulado de “Literatura Marginal” ou periférica, ela mostrou-se adequada para compor o corpus de leitura da sequência que será discutida a seguir. Coronel (2011) ressalta a importância dos escritos de Carolina como base para o que veio depois.

Mais de trinta anos depois, Paulo Lins, Ferréz e outros tantos autores periféricos ainda desconhecidos dariam continuidade ao esforço de Carolina Maria de Jesus no sentido de romper com o silêncio destinado aos homens e mulheres que a cidade expulsa para as periferias remotas. Muitas vezes ainda ecoarão na esteira desta primeira voz corajosa de mulher-autora. Ela, no entanto, fica marcada como um ponto de partida essencial dentro do amplo processo de autoexpressão daqueles que estão à margem do que conhecemos por vida (CORONEL, 2011, p. 70).

Além de ser esta importante obra, divisora de águas no cenário de produção literária brasileira, ela ainda é um diário, um gênero incomum para ser lido coletivamente, uma vez que, em geral, são relatos particulares. Nessa etapa buscamos abalar as certezas e costumes dos alunos, seja na questão literária ou na questão cultural. Bordini e Aguiar (1988) apontam o seguinte posicionamento diante esta situação:

Essa introdução de textos e atividades de leitura diferenciadas deve dar continuidade à etapa anterior através do oferecimento de textos que se assemelhem aos anteriores em um aspecto apenas: o tema, o tratamento, a estrutura e a linguagem. Entretanto, os demais recursos compositivos devem ser radicalmente diferentes, de modo a que o aluno ao mesmo tempo perceba estar ingressando num campo desconhecido, mas também não se sinta insegura demais e rejeite a experiência (BORDINI & AGUIAR, 1988, p. 89).

Desse modo, ao tratarmos o diário como texto literário que aborda a realidade de uma mulher, negra e pobre continuamos relacionando a literatura marginal e o papel social do negro, transformando o assunto em algo mais amplo e com um alcance social maior. Nessa etapa buscamos sempre relacionar com os pontos vistos na etapa anterior, porém o método de abordagem foi diferente, pois os alunos teriam que ler o livro e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

buscar destacar aspectos que fossem pontos chaves para o entendimento da obra por completo. Dividimos, assim a turma em grupo, cada um ficou responsável por partes do livro, afinal, a organização do diário permitiu essa divisão e cada grupo realizou a leitura de uma parte do diário que na socialização os pontos foram se encaixando como em um quebra-cabeça. A leitura de “Quarto de despejo”, sobretudo, favoreceu aos discentes e aos professores, como sendo um elemento importante que integrou o nosso escudo contra o processo de alienação, pois os alunos puderam compreender as questões que foram além do texto, realizando uma leitura com uma função crítica e social. Buscamos através dessa abordagem: ampliar a visão de mundo dos alunos, bem como inseri-los em um ambiente da cultura letrada, possibilitar a vivência de emoções diante de uma realidade difícil e, conseqüentemente, favorecendo o processo de humanização.

A etapa posterior se deu a partir do *questionamento do horizonte de expectativas*, nesse ponto os discentes puderam realizar comparações entre os textos vistos nas duas etapas anteriores, podemos citar como exemplo as charges e artigos falando sobre a situação do negro no Brasil, remetendo ao contexto histórico, em relação ao surgimento das favelas e a própria favela vista de dentro pela a autora no diário “Quarto de despejo”. A partir disso Bordini e Aguiar (1988) mostram que:

Resultante dessa reflexão sobre as relações entre leitura e vida é a última etapa do processo, a *ampliação do horizonte de expectativas*. Tendo percebido que as leituras feitas dizem respeito não só a uma tarefa escolar, mas ao modo como veem o seu mundo, os alunos, nessa fase, tomam consciência das alterações e aquisições, obtidas através da experiência com a literatura. Cotejando seu horizonte inicial de expectativas com os interesses atuais, verificam que suas exigências tornaram-se maiores, bem como sua capacidade de decifrar o que não é conhecido foi aumentada (BORDINI & AGUIAR, 1988, p. 90).

Diante de todas as etapas seguidas, pudemos perceber que os alunos tomaram consciência diante dessas questões e puderam verbalizar isso na campanha audiovisual contra o preconceito, sem nossa intervenção direta. O nosso papel, enquanto professores, foi provocar os alunos e criar condições para que eles possam alcançar o que restava a ser feito. Após a aplicação desse método compreendemos que se realiza



um novo ciclo, ou seja, ao final de cada etapa buscamos a cada nova sequência iniciar um novo processo de determinação, atendimento, ruptura, questionamento e ampliação dos horizontes de expectativas dos discentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é possível perceber a eficácia de se trabalhar tendo por base uma temática, que partir de um eixo norteador favorece o processo de planejamento e facção de uma sequência didática, além de fornecer uma linearidade no processo de sua aplicação e permitir fazer uso de uma gama maior de recursos, gêneros textos, midiáticos, o que possibilita o letramento multissemiótico. Também pode-se destacar a identificação paulatina que os educandos vão construindo com o tema, afinal, estarão expostos a ele por um certo tempo e com o decorrer dos encontros até os mais tímidos vão sentindo-se a vontade para expor suas ideias, pensamentos, impressões sobre o que se está discutindo. E esse, provavelmente, é o ganho maior, além de suscitar o desejo de ler e aprender mais sobre o tema, eles passam a expor seus conhecimentos, discutir, mostrarem-se empoderados daquilo que leram, viram, ouviram e assimilaram para si.

Quanto ao trabalho com a Literatura Marginal, além de permitir a fuga do lugar-comum, ao padrão tão engessado de ensino de literatura, ao que o Método Recepcional chama de *ampliação do horizonte de expectativas*, ainda cumpre uma função social importantíssima, não é uma literatura somente para fruição, é literatura engajada, que mostra a identidade de um povo por muito tempo relegada ao anonimato, às margens, como se não tivessem cultura ou voz ativa para expressar-se, sempre personagens secundários, expostos na literatura canônica, muitas vezes, sem nome, o pobre, o favelado, rarissimamente protagonista, como na obra “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus, em que ela ocupa o papel principal e revela, pioneiramente, através de sua própria história a feridas profundas que temos em nossa sociedade e insistimos em relevar, em fingir que não existem. Jesus (1997) nos dá esse soco no estômago com a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

força de sua realidade exposta, que nos paralisa por saber que jamais se equipará a dor que a fome provocou nela e em seus filhos.

A consciência política da protagonista/escritora tira um véu de nossa própria ignorância, a população pobre, muito além de “coitadinhos” ou desamparados, são objetos, o carro-chefe de um discurso sobre mudança na conjectura social que se é possível ou não, não importa, pois como Jesus (1997) deixa claro é muito mais conveniente ficar do jeito que está, pois não se melhora se não houver o que ser melhorado. Com a leitura da obra, os alunos perceberam que dizeres como “não gosto de política” são, no mínimo ingênuos, pois somos seres políticos e vivemos em sociedade, não podemos fugir, antes temos que nos mostrar conscientes críticos frente a realidade e buscar modificá-la. E a Literatura Marginal, com uma estética, muitas vezes, vista de forma desconfiada pelos críticos é política, é social, é engajada, traz voz e vez aos oprimidos, e provoca no leitor momentos de esclarecimento frente ao que está na sociedade. E esse é o maior mérito da existência e do trabalho com esta literatura, a abertura de fronteiras na mente dos alunos.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDINI, Maria da Glória. & AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: conhecimentos de língua portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CORONEL, Luciana Paiva. Literatura de periferia e mercado: reflexões acerca do caso Carolina Maria de Jesus. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v.15, n.2, p. 63-71, jul./dez. 2011.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A. P. **Metodologia do ensino de Ciências**. São Paulo: Cortez, 2002.

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. **Educar**, Editora da UFPR: Curitiba, n. 16, p. 181-191. 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUSARI, José Cerchi. **O Planejamento do Trabalho Pedagógico: Algumas Indagações e Tentativas de Respostas**. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p044-053_c.pdf. Acesso em: Set. 2015.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório**. São Paulo, Cortez, 1983.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Literatura Marginal**. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/literatura-marginal/>. Acesso em: ago. 2015.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. Ática: São Paulo, 1997.

WELLE, Deustche. **Literatura marginal brasileira ultrapassa fronteira das periferias**. Folha UOL, 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/05/1285557-literatura-marginal-brasileira-ultrapassa-fronteira-das-periferias.shtml>. Acesso em: ago. 2015.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO